

A QUESTÃO DO TEMPO NA FENOMENOLOGIA DE MARTIN HEIDEGGER

THE QUESTION OF TIME IN MARTIN HEIDEGGER'S PHENOMENOLOGYE

<https://doi.org/10.26512/rfmc.v11i2.50872>

Manuela Saadeh*

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

<http://lattes.cnpq.br/4559553134272724>

<https://orcid.org/0000-0003-3707-1921>
santosmanuelao@gmail.com

* Doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2015 a 2019). Mestre em Filosofia também pela UFRJ (2014), com foco na filosofia de Martin Heidegger. Pós-graduada em Filosofia Antiga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2012). Graduação em Filosofia pela UNISUL (2020). Licenciatura em Filosofia pela Universidade Cruzeiro do Sul, (2021).

Manuela Saadeh

Resumo

Este artigo se constitui como uma breve exegese acerca da questão do tempo na fenomenologia heideggeriana. Na Segunda Seção da obra *Ser e Tempo*, e na obra *Os Problemas Fundamentais da Fenomenologia*, Heidegger discute a problemática existencial enquanto determinação do Dasein pela temporalidade para mostrar, no fim, como a perspectiva do Ser enquanto temporalidade é fundamentalmente diferente (e fundadora) da perspectiva histórica e imediata da subsistência (atemporalidade, permanência como infinitude) para o sentido do Ser. Tal percepção da subsistência, para o filósofo, se funda na lida temporal-histórico-circunscrita de um Mundo de sentido – o que já dá a tal perspectiva, um caráter de tempo, de movimento. Heidegger quer mostrar que a perspectiva da subsistência, a qual segundo ele, funda todos os pressupostos da História da Filosofia enquanto Metafísica, se funda na estrutura temporal da compreensão; se funda, portanto, na mobilidade, consequentemente, na finitude.

Palavras-chave: Ser. Tempo. Heidegger. Fenomenologia.

Abstract

This article constitutes a brief exegesis on the question of time in Heidegger's phenomenology. In the Second Section of the work *Being and Time*, and in the work *The Fundamental Problems of Phenomenology*, Heidegger discusses the existential problem as a determination of Dasein by temporality to show, in the end, how the perspective of Being as temporality is fundamentally different (and founding) from the perspective of Being as temporality. historical and immediate perspective of subsistence (timelessness, permanence as infinity) for the meaning of Being. Such a perception of subsistence, for the philosopher, is based on the temporal-historical-circumscribed handling of a World of meaning – which already gives such a perspective a character of time, of movement. Heidegger wants to show that the subsistence perspective, which, according to him, founds all the assumptions of the History of Philosophy as Metaphysics, is based on the temporal structure of understanding; it is founded, therefore, on mobility, consequently, on finitude.

Keywords: Being. Time. Heidegger. Phenomenology.

Introdução

Que significa aqui presença? Presente? A partir de onde se determina tal coisa? Mostra-se, ou mais exatamente: oculta-se aqui um caráter impensado de uma velada essência de tempo? Se a situação é essa, a questão do Ser deve subordinar-se à expressão: Ser e Tempo. E a tese de Kant sobre o Ser como pura posição? Se o caráter do Ser posto, a objetividade se mostra como derivação de presença, então a tese de Kant sobre o Ser pertence àquilo que permanece impensado em toda a Metafísica.
(HEIDEGGER, 1996, p. 248)

Heidegger mostra que a perspectiva prévia da subsistência para o sentido do Ser é tomada não reflexivamente e pré-ontologicamente como o *a priori* em todo o curso do pensamento metafísico, a partir da percepção imediata do ente na lida. *A priori* este que

tem uma significação oriunda de uma incompreensão; e isso apesar de entendermos “temporal” e “tempo” no sentido do cálculo habitual do tempo e da sequência do tempo, da sucessão dos entes. Concebido corretamente como procedente, porém, o *a priori* descobre agora em primeiríssimo lugar a sua essência “tempoforme”, em um sentido mais profundo de “tempo”, um sentido que os nossos contemporâneos certamente não querem ver por agora porque não veem a conexão essencial velada entre Ser e tempo (Heidegger, 2007, p. 165).

Heidegger, na obra *Ser e Tempo* (eminentemente) mostra, fenomenologicamente, que o *sempre-sendo*, a presentidade constante, a prontidão do ente no aspecto, só é (presente), porque há uma reiteração temporal da compreensão, e somente desde esta estrutura móvel temporal da compreensão é possível uma perspectiva subsistente, (necessária para a lida), é possível a apreensão de uma permanência.

A temporalidade é a condição de possibilidade da intencionalidade fundada na transcendência. Com base no caráter *ekstático*, a temporalidade possibilita o Ser de um ente que, como um si mesmo existindo com outros e como um tal existente, lida com um ente como à mão ou como presente à vista [subsistente]. Com base na unidade dos esquemas horizontais que pertence à sua unidade *ekstática*, a temporalidade possibilita a compreensão do Ser de tal modo que é apenas sob a luz dessa compreensão de Ser que o ser-aí pode se comportar em relação a si mesmo, em relação aos outros como entes e ao ente presente à vista como ente (Heidegger, 2012b, p. 462).

O filósofo mostra a temporalidade primeiramente pela via da compreensão comum do tempo, fazendo com isso um percurso da compreensão do problema através da distinção. “É preciso atravessar a compreensão vulgar do tempo e chegar à temporalidade, na qual a constituição ontológica do ser-aí [*Dasein*] se enraíza e à qual pertence o tempo vulgarmente compreendido” (Heidegger, 2012b, p. 334). A temporalidade é uma determinação do Ser por respeito ao compreender, e isto quer dizer: só há a ideia de tempo já sob o fundamento da temporalidade. Em *Ser e Tempo* e no *Os Problemas Fundamentais da Fenomenologia*, o filósofo pensa o tempo enquanto os êxtases que se manifestam na forma de cada compreensão na compreensão da lida: no expectar [*Gewärtigen*] (correspondente à projeção), reter [*Behalten*] (sido) e presentificar [*Gegenwärtigen*] (presente) – isto que constitui os êxtases do futuro [*Ankommen*], sido [*Gewesen*] e presente [*Gegenwart*].

Heidegger ensina que a compreensão vulgar do tempo tem início na medição numérica do tempo em vista da lida. “O agora não é uma coisa. Entretanto não há verificação do tempo no relógio sem um dizer-agora, seja isto verbalizado ou não, quer observemos especialmente este ‘dizer’ ou não” (Heidegger, 2001, p. 67). O relógio aparece como aquele ente que manifesta o tempo, mas manifesta apenas uma medida solicitada previamente de tempo para o necessário, em vista de um poder-ser em lida. “A questão fundamental é: *qual precisa ser a essência do tempo, para*

que o Ser se funde nela e, nesse horizonte, a questão do Ser possa e precise ser desdobrada como problema fundamental da Metafísica?” (Heidegger, 2012a, p. 142).

A temporalidade é o caráter necessário da projeção existencial da compreensão, é anterior ao instituído, ao lançamento, no sentido de que todo instituído é tal porque houve uma projeção (porque houve fenomenalização de tempo, de futuro sobre um sido). E *Ser-si-adiante* já contém obviamente uma determinação temporal. Heidegger (cf. *Ser e tempo*, §61-66) ensina que a temporalidade se apresenta no fenômeno *der vorlaufender Entschlossenheit*^I precisamente através do fenômeno da deliberação (não teórica) por respeito à interinidade, à finitude. É só porque o pré-cursar “pré cursa” a interinidade necessariamente, própria ou imprópria – uma vez que somos um fenômeno de compreensão –, que a questão do tempo se abre. Esta problemática se manifesta, portanto, como um retorno do pensamento à sua própria condição de possível, um retorno que se mostra necessário após a apresentação da condição de possibilidade da compreensão na lida apreender o Ser de todo enquanto ente, enquanto subsistência, em oposição à prioridade da temporalidade própria à estrutura existencial da compreensão.

Mas se o presente, o “é”, perspectivado enquanto subsistente, for apenas um “produto” da estrutura temporal da compreensão? “No invisível ‘é’ se oculta tudo o que deve ser pensado no Ser” (Heidegger, 1996, p. 248).

I A opção de manter o conceito de *Entschlossenheit* em sua forma vernácula, deve-se à compreensão de que a sua elucidação não se deixa oferecer através do recurso às traduções impostas na língua portuguesa. Ainda que tenhamos em português algumas traduções como “resolução” e “decisão”, a meu ver, estas expressões não coincidem propriamente com o sentido do termo proposto em *Ser e Tempo*.

Parte principal: a estrutura temporal do ser do *Dasein*

Podemos pensar junto a Heidegger, o curso do problema do Ser na História a partir da significação do Ser desde os gregos, pensado, segundo o filósofo, enquanto subsistência, enquanto o “é”. O *ὑποκείμενον*, não é nada atrás do ente, mas o sentido permanente que está aí adiante, enquanto disponível, pronto, é o caráter de presente da presença, é a presentidade de determinadas matérias na imediatidade da vida cotidiana. Heidegger postula que a *οὐσία* (Ser) significa: disponibilidade e prontidão para o emprego (lida), o presente enquanto disponível por respeito ao Ser-pronto, em repouso – portanto, ao caráter de prontidão do ente. A *οὐσία* é abordada por Aristóteles sob o viés da ocupação cotidiana, do sentido de disponível no Mundo circunscrito. O Ser é tomado na perspectiva dos *πραγματα* por Aristóteles porque é apreendido, segundo esta explanação fenomenológica de Heidegger, a partir da ideia de disponibilidade. É o estar em *estado-para* do ente, para e do preparo. Mas tal perspectiva implícita subsistente para o Ser de todo não se mostra enquanto tal, não mostra suas condições de possibilidade durante o curso do pensamento ocidental.

“Que elemento presentificante aparece no apresentar? De acordo com o pensamento de Aristóteles, aquilo que se apresenta se mostra como aquilo que, vindo a termo, se encontra em uma constância ou, posto em seu lugar, se apresenta” (Heidegger, 2007, p. 311). O conceito de tempo de Aristóteles é o problema precursor de todo o desenvolvimento de tal problemática na história da filosofia; contudo, para Heidegger, este conceito aristotélico é baseado na compreensão comum do tempo, compreensão esta oriunda da compreensão pré-temática do Ser enquanto presença constante, a partir da prontidão e da disponibilização – a partir da perspectiva subsistente, portanto. Aristóteles baseia o problema do tempo no movimento, o qual é pensado como junto a uma percepção, enquanto presente. Aristóteles e Heidegger apresentam a questão desde a orientação histórica e com a apresentação das aporias. O tempo em Aristóteles é o presente. Na *Física* D 10 217 b, a primeira questão que surge é a de saber se o tempo é algo subsistente por si, ou não. Hei-

degger então pergunta: “Como é que o tempo como um todo deveria se achar presente à vista [subsistente], como é que ele poderia ser uma *ούσία*, uma vez que suas partes, as partes que o constituem, mostram-se como não sendo, e, em verdade, de uma maneira diversa?!” (Heidegger, 2012b, p. 349). O “ainda não” agora e o “já não” agora do tempo não são presentes. A tendência seria para pensar o tempo como não-ente (enquanto a não-subsistência, o não-Ser), portanto, pelo fato do tempo constituir dois elementos fundamentais que são não-entes, não presentes, não subsistentes: o *já-não* (passado) e o *ainda-não* (futuro) ente (presente). E, pelo fato de cada agora do tempo ser distinto do outro, isto implica na falta de unidade do agora e na falta da mesmidade necessária à ideia de um ente subsistente.

Representamos, muito antes, o tempo – a unidade de presente, passado e futuro – a partir do agora. Já Aristóteles diz que aquilo que do tempo é, isto é, se presente, é cada agora. Passado e futuro são *mè ón ti*: algo não ente, certamente não simplesmente nada, mas antes o que se apresenta e a que algo falta, carência que é designada através do “não-mais” – e do “ainda-não” – agora (Heidegger, 1996, p. 258).

Assim, o tempo, nas suas três dimensões, se determinaria enquanto não-presente. Então o tempo se encontra entre o que é ou o que não é? Ele é algo (subsistente) ou não é algo (subsistente)? Aristóteles deixa em aberto esta questão. Ele deixa a aporia em suspenso e discute a historiografia dos conceitos. “Em meio a esta aporia, Aristóteles deixa de início em aberto a questão do modo do Ser do tempo” (Heidegger, 2012b, p. 340).

Heidegger quer mostrar que o tempo não é um ente subsistente, estabelecendo a temporalidade enquanto fundamento da estrutura *Dasein*, como o fundamento da possibilidade do desdobramento desse Ser: ela é o fundamento para o Ser se desdobrar enquanto compreensão. “A temporalidade se experimenta fenomenal e ontologicamente no Ser-total próprio do *Dasein*, no fenômeno *der vorlaufender Entschlossenheit*” (Heidegger, 2006, p. 304). Do problema do *Ser-para-a-morte* próprio cunhado em *Ser e Tempo*, começa a questão da afirmação da temporalidade na estru-

tura fática (de partida, impropria, pois impessoal), que se dá, de modo geral, em contradição com a estrutura ontológico-existencial (própria). Mas o filósofo parece querer mostrar que o fenômeno fundamental da compreensão, a possibilidade a mais radical de conhecimento, não depende da filosofia. O precursar a morte, fenômeno compreensivo pré-ontológico instituído em *Ser e Tempo* desde a abertura compreensiva como *der vorlaufender* [o precursar] *Entschlossenheit*, se manifesta no momento em que a projeção consegue, por algum motivo, lograr ser orientada pela sua característica própria de absoluta interinidade. “O correr antecipativo do trânsito é o ir chocar com a sua mais extrema possibilidade” (Heidegger, 2008, p. 49). Mas esta é uma dificuldade latente da projeção, que é, imediata e regularmente, determinada pelo lançamento no impessoal e pelo ente, isto é, pela total *ontificação* do Ser do *Dasein*, por conta da perspectiva subsistente para o Ser de todo. Na medida em que tomo meu Ser pelo impessoal *ser-no-mundo*, a evidência de mim mesmo já entra deturpada para uma ontologia. “O avanço ontológico na ‘origem’ não vem à evidência ôntica para o ‘senso comum’, mas justamente manifesta a ele o questionável concernente a toda evidência” (Heidegger, 2006, p. 334). A ontologia tem que abrir o espaço na “contracorrente” dessa percepção imediata e regular. Instaurada a fenomenologia como método de pesquisa, se supera a insatisfação da ontologia clássica que tem implicitamente a subsistência enquanto base inquestionável para os seus desdobramentos filosóficos. Sua história, é a história das inquietações do pensamento se manifestando como que em um labirinto. A filosofia tradicional não se debateu, como se diz muito, por polêmica pessoal, mas por conta do caráter projetivo do *Dasein* que, por conta mesmo de sua estrutura como um puro e inelidível devir, não tem a possibilidade de se satisfazer plenamente com as fixações de subsistências que foram estabelecidas histórica e filosoficamente para o pensamento e para o Ser.

Para mostrar como a subsistência é um modo da compreensão do Ser correspondente ao presente, todas as determinações existenciais do *Dasein* se manifestam, para Heidegger, a partir da temporalidade. O *si-antecipado* do *Dasein*, enquanto totalidade que se oferece como ainda não, se mostrou, em *Ser e Tempo*, determinado enquanto um *Ser-para-o-fim*. A cura é a condição de possibilidade porque é ela que, através da dis-

posição fundamental da angústia e do apelo da consciência (ouvido ou não, isto é, fugidio ou não), aponta para a ausência de subsistência do Ser do *Dasein*; tal estrutura é a condição de possibilidade concreta deste *poder-ser* existencial ser assumido faticamente (existencialmente). Pois compreendemos que a ideia da subsistência se quer uma totalidade dada oferecida, na qual pode-se repetir e se reiterar dentro dela. “Dá-se” com isto a sensação de plenitude, porque uma “sensação” de totalidade dada, de completude, onde não há falta: ou seja, é precisamente a necessidade de não ter a falta (oriunda justamente da falta de subsistência do Ser do *Dasein*, seu débito fundamental) o que talvez torne a subsistência, apreendida na lida, o pressuposto absoluto implícito e inquestionável. A conseqüente ideia da subsistência – oriunda da lida, porque oriunda da reportação da compreensão ao pronto, disponível – se transmuta na ideia de suprimir a falta, suprimir o inadvertido, o obscuro do possível: surge a ideia de um conhecimento que deve ser completo, permanente e universal. Mas a subsistência para “o que é” só pode ser concebida a partir da ipsidade, a partir da permanência reiterada temporalmente de um (si-)Mesmo. Heidegger precisa de certa forma de uma permanência para oferecer uma determinação total do conceito de *Dasein* e, para encontrar essa “permanência” fora do plano da subsistência, o filósofo tem que dar a ela uma determinação temporal. Essa mesmidade reiterada do *Dasein*, apesar de ser uma reiteração permanente, se difere da subsistência porque ela é o puro e contínuo dar-se, ou seja, não está dada e, no entanto, enquanto tal é ocorrência fenomenal de uma “permanência”. O *Dasein* é determinado pela temporalidade permanente (pela finitude permanente) porque ele é *Ser-possível*: ele é o permanente devir. E este *Ser-possível* configura o Ser-total próprio do *Dasein*.

“Tudo começa pelo futuro!” (Heidegger, 1987, p. 204) Para Heidegger, o futuro se origina da reiteração da projeção para o *poder-ser*. Tudo começa pelo futuro, pois este é o mais elementar por-motivo-de um *poder-ser* em lida. Na medida em que se identifica com o si visado, que sempre já esteve visado, a projeção é sempre um caso de reiteração fática. Tudo começa pelo futuro enquanto condição de possibilidade, mas faticamente tudo começa pelo sido, isto é, pelo lançamento do *Dasein* no seu Mundo de sentido. A constituição do *Dasein* enquanto *Ser-para*, verificada por Heidegger já na ontologia aristotélica, é o determinante

do futuro. Futuro é a aproximação contínua; futuro é a estrutura originada da finitude, desse puro aproximar-se incontornável. As estruturas ontológicas fundamentais, são, portanto, o futuro e o sido; o presente, o *sendo*, é o conseqüente efeito dessa reiteração da projeção sobre o sido.

O Ser é, nestes termos, o fundamento lançador, fático, da negatividade, isto é, da não-subsistência. Compreender é exatamente assumir o *Ser-devedor*, o Ser incompleto enquanto Ser faticamente o fundamento lançado dessa negatividade constitutiva da sua estrutura, que constitui o existir enquanto puro possível. A possibilidade de assumir o lançamento significa que o *Dasein* vindouro (projetivo), possa assumir o que ele já é, o seu Ser mais próprio, o que *ele já vem sendo*. Mas isto não é uma atitude ou comportamento de uns e não de outros. Esse *assumir* é a forma como a estrutura se impõe ao *Dasein*. Heidegger deixa claro que o *Dasein* só pode ser *sido* na medida em que ele é vindouro e só pode ser vindouro porque é sido.

O presente é o momento de aparecimento concreto, da apresentação, da presentificação, decorrente deste ainda-não e deste já-não. No sido e no futuro, no porvir, o ente está presente na forma da ausência, e no presente ele está presente na forma da presença (estar presente na forma da presença não quer dizer necessariamente que o ente tenha que estar às vistas). Reiterando-se projetivamente, o *Ser-para* se traz presentificante à situação, isto porque essa reiteração projetiva é *junto ao ente intramundando encontrado*. Enquanto temporalidade, portanto, o Ser-possível alcança a possibilidade de se determinar pelas três dimensões do tempo. Heidegger quer instituir uma dimensão própria do tempo para poder oferecer uma determinação total do *Dasein*, que seja determinada enquanto possível, uma determinação total não-subsistente, portanto. Temporalidade é, essencialmente, *Ser-para* enquanto cura. A temporalização (temporalidade fática), se fenomenaliza na própria forma da lida se possibilitar.

A constituição insuperável de *poder-ser*, de pura possibilidade, impõe a reiteração, ou o *poder-ser* não poder mais ser, quando encontra a sua possibilidade última. O *Dasein* é sido projetado e projeção de sido pelo tempo que é (presente). A facticidade do *Dasein* é só o fato de ele ser

a reiteração, ou seja: o presente do *Dasein* é tão somente fruto do seu sido projetado. O *presentificar* [*Gegenwärtigen*], seja na ideia, seja no ente aí à vista (que também é ideal), o presente, depende da projeção e depende da reiteração, portanto. Isto mostra que nenhum ente pode ser por si subsistente como, para Heidegger, pensou a tradição. Esta pensa o Ser implicitamente a partir da lida com o pronto, que aparece imediatamente como subsistente, e isto para que a lida seja; contudo, em verdade, a subsistência é uma compreensão do Ser resultante da temporalidade desta estrutura que não se vê, imediata e regularmente, enquanto projeção sobre um sido, mas apenas enquanto presente. A ideia de um agora autônomo, em si por si mesmo é, segundo esta estrutura temporal, impossível. O agora só pode surgir da reiteração da projeção sobre o sido. Para Heidegger, o *Dasein* é aí *propriamente* na compreensão do *instante* [*Augenblick*] e não do agora, portanto, pois é a estrutura do instante, a estrutura existencial, que, segundo o filósofo, é o amálgama de sido e futuro possibilitando o agora. A despeito das possibilidades da existência própria ou imprópria (o que já é uma decorrência possível), a temporalidade é a estrutura fundamental para a estrutura *Dasein* ser enquanto compreensão. O *estático* concerne à unidade, a tempo e à exterioridade: é a exterioridade da unidade de tempo e Ser, e é a unidade das três dimensões enquanto unidade de Ser e tempo. Na impessoalidade, o caráter estático da temporalidade é nivelado no sentido de uma representação formal de sucessão de agoras onde não há diferença do agora passado para o agora seguinte.

Mas o tempo é a cada vez o tempo de uma lida determinada. E o *Dasein* emprega tempo em troca de si mesmo. Entregando-se por motivo do seu Mesmo, da sua reiteração permanente, o *Dasein* se usa. “O *Dasein* enquanto ente que marcha para o seu Ser, *emprega-se*, expressamente ou não, primeiro em *troca* de si mesmo [*sich selbst*]. Empregando-se por motivo do seu Mesmo, o *Dasein* se ‘usa’. Usando-se, o *Dasein* emprega a si mesmo, isto é, em seu tempo” (Heidegger, 2006, p. 333). O que empregamos de forma própria ou imprópria somos nós mesmos, o que é o mesmo que nosso tempo. A constituição do *Dasein* é histórica: quando me emprego (ou emprego meu tempo), estou precisamente determinando minha história. Vou concentrando tempo (no próprio) ou dissipando

do-o (no impessoal). No impessoal, o *Dasein* já sempre se dissipou de seu Mesmo apropriado na projeção.

A temporalidade fundada na lida é a unidade de futuro e sido no presente, e no sentido próprio. Ela se temporizando impropriamente dá ao *sido* o caráter de passado representado (subsistente), e o instante assume uma representação de um agora subsistente após o outro indiferente. Propriamente, a projeção “capta o trânsito enquanto possibilidade própria de cada instante, como aquilo de que, agora, se tem a certeza. Ser-porvir, enquanto possibilidade do ser-aí na qualidade de respectivamente-em-cada-momento, dá tempo porque é o tempo ele mesmo” (Heidegger, 2008, p. 55). No existir fático cotidiano, a temporalidade começa a se temporalizar pela projeção impropria, no lançamento improprio, pois manifesta-se primeiramente na queda no impessoal. Futuro no sentido próprio é o precursar constante da finitude, é o estar acordado, em vigília, é o se manter na abertura voltado para o imediatamente a fazer, o imediatamente a compreender, a significar, seja que este esteja implicado em uma produção, seja que esteja implicado em uma contemplação. O *si-adiante* é o que dá o termo formal para o futuro. “É em virtude deste trânsito que o ser-aí, em pleno fausto cotidiano, se enche de inóspita inquietude. A antecipação, na medida em que coloca o ser-aí perante a sua mais extrema possibilidade, é o processo fundamental em que a interpretação do ser-aí se leva a cabo” (Heidegger, 2008, p. 51). O *Dasein*, enquanto um fenômeno de compreensão, é precursante da finitude na possibilidade existenciária, mas não que saiba disso tematicamente, pois, enquanto impessoal, ele, ao se tomar como um dado subsistente, transforma esse pré cursar em uma mera expectativa do ente; ou seja, o *Dasein* “não é” precursante no sentido da compreensão (fática) de si próprio: no sentido existenciário. Contudo, no sentido existencial ele só pode ser isto. Futuro próprio é se determinar originariamente pelo próprio Ser enquanto não-subsistência, se trata do *Dasein* se lançar sob a perspectiva originária da sua constituição própria, isto é, sob a perspectiva do seu Ser possível: sob a perspectiva do Ser para a finitude. A instrução sobre a sua estrutura originária permite ao *Dasein* se conhecer enquanto um puro poder-ser – desde o qual ele se instrui sobre o *deixar-ser* do ente também enquanto possibilidade.

Ao problematizar a concepção do agora em Aristóteles^{II}, Heidegger conseguiu mostrar o tempo como pura transição, uma transição que mede a si mesma através do movimento do ente. A definição de Aristóteles é, para o filósofo, uma definição de acesso, na qual define-se o tempo desde a forma vulgar: “*corresponde à compreensão vulgar pré-científica de tempo. O tempo conhecido vulgarmente remonta segundo o seu conteúdo fenomenológico próprio a um tempo originário, à temporalidade*” (Heidegger, 2012b, p. 373). A subsistência remonta à temporalidade, pois remonta à presentidade *constante*. Heidegger pensa o tempo enquanto os êxtases temporais, ou seja, enquanto o *transporte* de um horizonte para o outro, e por ser este puro transporte, puro movimento, o tempo é o fora de si de cada unidade extática, isto é, cada um desses momentos é um *para fora de si e para o outro* e é por isso que são um todo articulado, porque um possibilitando o outro, um movimentando o outro, um momento do movimento virando noutro.

Em toda forma de me reportar ao ente por respeito ao *já não*, ao *ainda não* e ao presente, realizo agora, presentifico. Isso quer dizer que a compreensão presentifica o próprio *já não*, como um *já não* presente. Portanto: o *Dasein* presentifica o passado e o futuro como presente, mas só pode tê-los enquanto a presença da ausência: pois a ausência só pode ser enquanto presença. O presentificar é assim o predominante, pois tanto o *outrora* quanto o *em seguida* dependem do presentificar para aparecer. “Cada uma dessas determinações temporais, agora, em seguida, outrora, é falada a partir da unidade de uma presentificação” (Heidegger, 2012b, p. 379). Porque a percepção é presente, ela traz tudo para o presente, não podendo perceber enquanto não presente. O presente é o centro porque ele é o que configura a estrutura da percepção: tudo vem primeiramente à percepção, e isso quer dizer que tudo vem primeiramente a um presente.

O tempo escorre, do futuro para o passado, do *ainda não* para o *já não*, da projeção sobre um lançamento (*sido*). Esse escorrer do futuro *ainda não* para o *já não* do *sido* é o que propriamente consuma um presente e, conseqüentemente, desde tal consumação na lida, a perspectiva sub-

II (cf. *Os Problemas Fundamentais da Fenomenologia*, pp. 331-384).

sistente. A transitividade de futuro para passado, o que funda o ente, se constitui propriamente enquanto um presentificar. Isto quer dizer que o que é presentificado com isso é a própria transitividade – fundamentalmente nenhuma subsistência, portanto.

“Se o tempo se exprime com essas determinações como o agora, o outrora e o em seguida, mas essas determinações, porém, exprimem uma expectativa, uma retenção e uma presentificação, então aquilo que é aqui exposto é evidentemente tempo em um sentido mais originário” (Heidegger, 2012b, p. 378). Heidegger explicita os três momentos estruturais do tempo exprimidos enquanto agora. Se o Ser do *Dasein* é *Ser-para*, então o tempo acolhido por ele em uma medida é, na verdade, originariamente, *tempo-para*. “Mas porque todo *ter-tempo* é um *ter tempo* para algo, dizemos: o tempo é interpretável [*deutsam*]. O ‘tempo’ considerado em cada caso interpreta, como tal, um para quê” (Heidegger, 2001, p. 73). O tempo tem o caráter da significatividade por conta do *para-isso*, *por-isso*, *por-motivo-de* da lida em vista do *poder-ser* do *Dasein*. Consequentemente, a orientação do *para* tem tanto o caráter da direção (Ser) quanto o caráter da duração (tempo). Porque o *Dasein*, enquanto um fenômeno de compreensão em vista do seu *poder-ser* em lida, é este inelidível e inefável *Ser-para*, ele espera, retém e presentifica, e se vê assim somente refletidamente. Esta estrutura não parte da contemplação: o animal tem, de certa forma, uma lida preparadora orientada pelo *para-isso*, *com-isso*, *por-motivo-de*. Até certo ponto, a significatividade talvez ainda seja inerente ao animal, se ela é compreensão da expectativa, da retenção e presentificação, pois o animal precisa lidar para *poder ser*, ele sabe onde se abrigar, como se defender, como atrair a fêmea e etc.; mas o que talvez dê ao *Dasein* a compreensão do tempo seja a sua estrutura mais complexa de compreensão, que Heidegger (*cf. Os Problemas Fundamentais da Fenomenologia*, p. 380 e SS.) nomeia de: significatividade [*Bedeutsamkeit*], databilidade [*Datierbarkeit*], tensionamento [*Gespanntheit*] e a publicidade [*Öffentlichkeit*]; tudo isto porque o *Dasein* é um fenômeno de compreensão do Ser enquanto significatividade, isto é, enquanto linguagem, e a estrutura da compreensão é temporal. É na unidade dessa pluralidade da estrutura compreensiva que pode se constituir a compreensão do tempo enquanto tempo.

Sobre o futuro, Heidegger começa a demonstrar como se estrutura a percepção de um futuro; em que comportamento factício se instaura a antecipação do *si*, isto é, como o *si* se dá faticamente antecipado. Sabemos que ontologicamente o *si* é antecipado pelo fato da ausência de subsistência no Ser do *Dasein*, o *si* é sempre um *si* não-presente, sempre *por-ser*, sempre buscado. A consumação para a qual o *Dasein* se direciona inevitavelmente, a morte, enquanto o *Ser-para-a-morte*, se dá pelo fato dele ser, enquanto compreensão do Ser, um puro possível transitório, o que é reportado à condição de não subsistência do *Dasein*. Mas, faticamente, essa antecipação do *si* se dá na expectativa por respeito a uma possibilidade do *poder-ser* o mais próprio: o *poder-ser* no modo impróprio da existência se configura pela possibilidade do ente *expectado*.

Segundo esta explanação, o *Dasein* sempre já está na co-expectativa da ocorrência e de si mesmo. Isto porque, na expectativa, o *Dasein* retorna a si mesmo: ele vem a si mesmo. De início, ele é projetado para seu *poder-ser* mais próprio através da expectativa de uma possibilidade, de modo que ele é co-expectante, pois está na expectativa [*gewärtig*] da possibilidade e dele mesmo: ou seja, ele espera a ele mesmo na medida em que espera o ente. O *Dasein* é co-expectante, portanto, porque tem o seu *si* adiante, isto é, porque originariamente tem a expectativa do seu próprio *si por-ser*, e isto enquanto *Ser-junto* junto à ocorrência (ao ente). A expectativa do seu *si* sempre adiante, ou seja, da completude, da subsistência que ele nunca vai ter, ele a “tem” através da expectativa do ente. O *poder-ser*, o mais próprio do qual o *Dasein* está na expectativa, na perspectiva da impropriedade acaba sendo a obtenção concretizada, positivada, da possibilidade expectada, de modo que o *poder-ser* enquanto tal é recoberto pela possibilidade da vez – o *poder-ser*, o possível é, portanto, recoberto pelo ente.

O *compreender* improprio se projeta sobre a ocupação possível, sobre o que tem a fazer, o que está presente, o que é urgente, o iniludível na expedição cotidiana dos afazeres correntes. Mas a ocupação, tal como é, é-o por motivo do *poder-ser* de que se ocupa. Este *poder-ser* faz o *Dasein* vir até si quando ele está ocupado junto ao que se ocupa. Não é com prioridade que o *Dasein* vem até si em seu *poder-ser* próprio e indiferente; na ocupa-

ção ele se põe na expectativa de si a partir do que lhe dá ou recusa aquilo de que se ocupa (Heidegger, 2006 p. 337).

O *Dasein* toma a sua possibilidade a mais própria pela possibilidade da vez, desse ou daquele acontecimento: toma o Ser pelo ente. No proporcionar-se ao *poder-ser* mais próprio que pode ser recoberto pela possibilidade da vez, pelo ente, o *Dasein* está sempre antecipado, seu si sempre antecipado, isto é, expectante. Nestes termos, o *Dasein* é sempre o *fora*: sempre adiante – ele é sempre, a todo momento, uma possibilidade *por-ser*, própria (pré cursante) ou impropriamente (não pré cursante). Portanto, por conta mesmo da própria estrutura da existência, o *Dasein* enquanto este puro possível sempre é já em uma exceção. O possível é uma zona de exceção por respeito ao factício, é aquilo que dentro da facticidade não se reduz ao ente, ao presente, aos fatos. Essa zona de amplitude de possibilidades por respeito a um fato, essa zona de exceção, é o sentido próprio desse *Ser-fora*, é sempre um estar projetado para uma possibilidade, seja própria ou impropriamente, e sempre retendo uma possibilidade “já sida”; o sido *não é* mais presente, mas é presentificado enquanto sido e não mais agora. E, no coexistir, estamos durando juntos ou na presentificação da expectativa, ou na presentificação do lembrar junto, do relembrar. O modo do *Dasein* ser presente é, portanto, fundamentalmente, no modo do sido e no porvir, estes são os nortes para qualquer presente, para toda presentificação.

Na expectativa de uma possibilidade o *Dasein* vem precisamente ao que ele é: possibilidade. O sentido de *vindouro* é o vir a si, o vir a si mesmo na expectativa de uma possibilidade. É o mesmo funcionamento para a retenção: por respeito ao sido, ocorre a mesma *excetualidade* do Mesmo do *Dasein*. Exceção é o “à parte”, o *Dasein* está sempre no *à parte*, seu Mesmo é em meio ao ente fora de (do) si. Enquanto intencional, a compreensão está sempre junto ao ente seja na expectativa dele (ideia) seja na retenção (ideia), e por isso estrutura *Dasein* não é subsistente, uma vez que sempre, e em absoluto, o *Dasein* se manifesta em uma diferença. Heidegger diz:

Somos confrontados com o ente em todo e qualquer lugar, este rodeia-nos, sustenta e vence-nos, encanta e

preenche-nos, eleva e desilude-nos, todavia, onde está e em que consiste, no meio disto tudo, o Ser do ente? Poder-se-ia responder: esta distinção entre o ente e o seu Ser por vezes poderá ter uma certa importância linguística e semântica; poder-se-á realizar essa distinção num mero pensar re-presentativo (*-s vor-stellende Denken*), i.e., imaginá-la sem que a essa distinção do ente corresponda algo que seja ente. No entanto, mesmo esta distinção apenas pensada é questionável; uma vez que aquilo que se deve entender sob o nome “Ser” fica pouco claro (Heidegger, 1997, p. 39).

Embora sempre indissociavelmente *Ser-junto* junto ao ente, o *Dasein* está sempre já em uma exceção, na zona de exceção que é o Ser, o possível constituinte de todo seu Ser. O *Dasein* já sempre é *sido* o ente que ele é vindouro: já é sempre lançado na projeção e vice-versa. O *Dasein* tem o ente retido enquanto o que foi. Da mesma forma que o *Dasein* é co-expectante ele é *co-retido*. O *Dasein* é expectativa e também retenção, ele tanto espera a ele mesmo quanto espera o ente, assim como ele retém a ele mesmo enquanto retém o ente: o *Dasein* é enquanto projeção expectante e enquanto lançamento retentivo. É essa possibilidade temporal da compreensão que funda o presente e conseqüentemente a perspectiva subsistente. O *Dasein* não pode se livrar do seu passado assim como não pode se livrar da sua condição expectante; ele pode tornar a esta, *esperante*, isto é, própria. (A espera é a espera no possível, na “contramão” da expectativa, que espera o ente, a concretização^{III}). O que há de insuperável no *Dasein* é sua própria estrutura do Ser. O *Dasein* é, “expectando uma possibilidade, sempre de tal modo que ele se comporta de maneira presentificante” (Heidegger, 2012b, p. 387), ele presentifica o que espera e o que rememora.

Cada êxtase correspondente à expectativa, retenção e presentificação, só pode se temporizar na unidade de temporização dos outros, pois no expectante projetar-se e no retentivo sido lançado na presentificação junto ao ente intramundano encontrado, o caráter estático da temporalida-

III Não posso adentrar aqui neste artigo, na problemática da espera (em contraposição à expectativa) em Heidegger. Esta questão está melhor demonstrada nos textos tardios do filósofo: GA5, GA65, GA75, GA77, GA79 e GA85.

de é articulado de modo que cada unidade só pode se temporizar com as outras; a temporalidade só pode temporizar na unidade completa dos êxtases. O presente é determinante, a tal ponto de ter a capacidade de se manifestar enquanto subsistência; mas a temporalidade é anterior à subsistência, pois determina a esta enquanto tal, através da complexidade temporal da estrutura da compreensão. Qualquer temporização da temporalidade temporiza todos os êxtases, pois o tempo não é uma estrutura que pode ser pontificada, a estrutura é permanentemente transitiva: finita. “Nós interpretamos com o caráter *ekstático* a existência que, vista ontologicamente, é a unidade originária do estar fora-de-si que chega-a-si, que retorna-a-si e que se presentifica” (Heidegger, 2012b, p. 388). O *Dasein* é um transporte rumo ao futuro, rumo ao sido e, com isso, rumo ao ente no presente. Essa é sua caracterização do Ser enquanto *Ser-para*. Se o êxtase é para o futuro então este é o horizonte; se é para o sido este é o horizonte, se é para o ente, então o presente é o horizonte do ente – por isso Heidegger classifica o horizonte enquanto a região do Ser. O horizonte é a amplitude franqueada do *para-onde*, do *aonde* o qual o transporte é exterior a ele. Se me transporto para o futuro em uma expectativa, esse transporte franqueia o futuro e mantém o futuro aberto franqueado, cedido enquanto esse horizonte, que é como uma determinação da direção. A temporalidade tem os êxtases enquanto um transporte. Heidegger ensina que o horizonte extático desta possibilidade é diferente em cada um dos três êxtases. O horizonte é a estrutura temporal do transporte, o sido, o presente e o futuro, mas não simplesmente isso, é a constituição do sido enquanto *retorno a...*, do presente enquanto presentificação, do futuro enquanto um *por- vir*. O horizonte é o que determina o futuro na estrutura da projeção. O futuro corresponde ao *por-motivo-de*, este ao horizonte da unidade do futuro. O *por-motivo-de* é o esquema horizontal extático do futuro; do sido é o *encontrar-se* já, o *diante de* e o *a-que*. Porque o *Dasein* sempre já está *diante-de*, ele já é um estado de reiteração disposto. O esquema dos horizontes são, portanto: o *por-motivo-de*, o *diante-de*, e o *por-fazer* [*Um-zu*], e correspondem a cada um desses os horizontes extáticos: o futuro, o sido e o presente. Os êxtases são os transportes determinados que fazem com que se gere a temporização da temporalidade enquanto o retorno ao *si* retentivo (o sido) e à expectativa retentiva (futuro). O *êxtase é o transporte*, é, portanto, o puro movimento da compreensão, e

é a própria forma temporal da lida se determinar, enquanto detenção, expectativa e presentificação, e, por conseguinte, é esta a estrutura fundamental da significação. A perspectiva da subsistência para o Ser de todo, do presente meramente, advém, portanto, desta tripla estrutura temporal da compreensão.

O esquema “algo enquanto algo” já está prefigurado na estrutura do compreender anteproposicional. A estrutura *enquanto* se funda ontologicamente na temporalidade do compreender. É somente na medida em que o *Dasein*, na expectativa de uma possibilidade, isto é, de um para-que, é retornado a um destinamento, isto é, retém um utensílio à-mão, que, *inversamente*, a presentificação pertencente a esta retenção que aguarda pode, se apoiando sobre esta, *avizinha-lo expressamente em seu remetimento ao para-que* (Heidegger, 2006, p. 359 e SS).

Ou seja, na retenção (sido), na expectativa (projeção) e na presentificação da compreensão se cria a possibilidade da empregabilidade do ente, onde aparece seu *enquanto* (*para isso, para aquilo*). O ente imediato da lida ocorre à compreensão enquanto subsistente, pronto, disponível, “em si”, permanente, mas isto se funda na tríplice estrutura da temporalidade da compreensão.

Para Heidegger o tempo próprio não pode ser pensado como infinito – esta é uma privação do caráter próprio do tempo. A infinitude do tempo próprio, pode-se dizer, é tão somente a infinitude da finitude, é a infinitude (ao contrário da sucessão de agoras subsistentes) da diferença, porque se o tempo é qualificado na lida, então cada tempo é o tempo disto ou daquilo, acabou aquilo, acabou aquele tempo, começou aquele outro; sempre o tempo é finito, portanto – assim como todas as possibilidades intramundanas do *Dasein*. Já o tempo do agora nada mais é do que um tempo igual, planejado e infinito. A ideia de postergação da morte e, ainda mais além, a ideia de uma sobrevida, mantém o *Dasein* em um permanente esquecimento da finitude (*cf. Ser e Tempo*, §81). Heidegger esclarece que o *Dasein* toma o ente pela subsistência, desde a lida, do preparo, disponibilidade, prontidão, e ao seu Ser enquanto subsistente mais fundamentalmente porque ele se desvia da sua possi-

bilidade insigne, da finitude, do possível, do nada de coisa alguma, do Ser, da morte: da pura ocorrência de transitoriedade contínua, movimento contínuo. “É possível deixar claro – o que foi mostrado em *Ser e Tempo* – que a infinitude do tempo vulgar só pode ser aventada pelo ser-aí, porque a própria temporalidade esquece em si de sua finitude essencial mesma” (Heidegger, 2012b, p. 397). Para Heidegger, o tempo compreendido como infinito, já é uma fuga do *Ser-para-a-morte*. Para ele, a estrutura do tempo “está em conexão com o difícil problema da morte” (Heidegger, 2012b, p. 397). Isto significa que toda interpretação do tempo cotidiana (fática) já é contrária à compreensibilidade da finitude originária (estrutural, não-temática). Para Heidegger, Aristóteles com seu estudo aprofundado da facticidade, percebe o transitivo, o antes e o depois, mas ele não remete isso a uma analítica do Dasein, não remete isto à estrutura Dasein enquanto finitude (até porque Ser para o filósofo antigo, “o que tem mais Ser” – “o que tem mais ente” – é ser-em-*ἐντελέχεια*, a máxima subsistência); o que ele compreende propriamente é o modo de ser do Dasein fático. Aristóteles problematiza o comportamento do Dasein enquanto *πόλις*, isto é, enquanto o fático *ser-no-mundo* – *Ser-com* e *Ser-junto* –, mas a estrutura, a formação da estrutura, ele não problematizou, e não pôde, porque era orientado pela ideia de *οὐσία* que, segundo Heidegger, se funda na ideia implícita do Ser enquanto presença constante, subsistência, prontidão, disponibilidade: Ser enquanto ente, em detrimento do Ser enquanto tempo.

Heidegger mostra a temporalidade como fundamento da compreensão do Ser, enquanto o fundamento da intencionalidade e da própria transcendência, que é temporal; a intencionalidade, o caráter *reportativo* da compreensão do Ser é temporal. A temporalidade [*Temporalität*]^{IV}, é o fio condutor da abordagem da compreensão do Ser e com isso da possibilidade da elaboração de uma ontologia da compreensão do Ser desde o mais originário até conhecimento científico. Nas teses medieval e moderna, abordadas por Heidegger principalmente no livro *Os Problemas Fundamentais da Fenomenologia*, se discutiu a forma de abordagem, um modo de abordar o sentido do Ser. As teses medieval e moderna

IV A distinção que Heidegger faz na nomenclatura (cf. 2012b, p. 399), é para indicar para o estudioso em quais sentidos ele pensa o fenômeno da temporalidade.

mostraram fundamentalmente para o filósofo uma abordagem do sentido do Ser a partir do ente, a partir da subsistência. Em todas, o Ser foi compreendido por respeito ao ente subsistente, seja que este ente seja a linguagem, seja que seja posição, essência, sejam os predicados reais do concreto, seja existência: todas essas configurações para o sentido do Ser são subsistências.

Mas a existência do *Dasein* é, para Heidegger, *ser-no-mundo*. O que se trata para o *Dasein* é sempre ter seu próprio Ser à mão. Isso quer dizer: ter a disponibilidade do seu próprio Ser na medida em que se proporciona, através do ente, sempre ao seu *poder-ser*, na medida em que ele está sempre já decidido contra ou a favor desse *poder-ser*. A existência é assim um permanente proporcionar-se ao *poder-ser* e um permanente já estar decidido (no interior da verdade do Ser, histórica e intramundana) por e para este *poder-ser*. O conceito originário existencial do compreender é ser o *poder-ser* o mais próprio ele mesmo, assumir, manter-se e compreender-se a si mesmo na liberdade fática (frente ao ente) de si mesmo enquanto Ser (não-subsistente). Por isso não tem nada ainda de um conhecer teórico, pois este pertence à reportagem do ente por respeito ao ente; ou seja, só posso me reportar ao ente pela via desse compreender pré-ontológico do meu Ser possível. “Se se caracterizar todo comportamento para com o ente como intencional, então a *intencionalidade* é somente possível *sobre o fundamento da transcendência*, mas ela não é nem idêntica a este nem ela mesma é a possibilitação da transcendência” (Heidegger, 1996, p. 120). Aqui está a estrutura própria da transcendência, a reportagem fundamental do Ser para o Ser, sobre a qual se funda a intencionalidade enquanto reportagem para o ente.

“Se o ser-aí abriga em si mesmo a compreensão do Ser, mas a *temporalidade* torna possível o ser-aí em sua constituição ontológica, então a temporalidade também precisa ser a *condição de possibilidade da compreensão do Ser* e, com isso, do *projeto do Ser com vistas ao tempo*” (Heidegger, 2012b, p. 407). O *Dasein* só pode se comportar para o ente, se proporcionar ao ente, se o ente ele mesmo puder ser encontrado em meio à claridade da tríplice estrutura temporal da compreensão do Ser, e isto no interior de uma perspectiva, Mundo. Não é nada subjetivo, mas a claridade concreta (a verdade) no interior da qual o *Dasein* em lida tem

que já estar para fazer encontro com ente dessa ou daquela maneira, neste ou naquele Mundo de sentido. Todo compreender já se constitui previamente de uma interpretação, portanto, há um *λόγος* hermenêutico no compreender – ainda não um *λόγος* apofântico que diz o ente enquanto tal, conceitualmente, isto é, que ofereça caracteres ônticos formais do ente. Quando se pergunta pelo horizonte ou pela claridade desde a qual o Ser pode ser assim e assim, já se está perguntando pelo Ser. Se Ser é subsistência, utensilidade, possibilidade, ele é esses modos a partir do que?

Todo compreender se manifesta dentro de um horizonte de experiência. Essa claridade é um horizonte histórico e prático da lida. Não pertence ao ver apenas o que é visto concretamente, mas os olhos só podem desvelar o ente concreto no interior de uma *claridade*. Todo desvelar carece de uma iluminação prévia. “Na claridade, na qual o Ser é compreendido como presentidade constante se encontra, vem à tona a luz, o que doa essa claridade. Trata-se do próprio *tempo*. O *Ser é compreendido*, tanto na compreensão vulgar de ser, quanto na problemática ontológica expressa da filosofia, *à luz do tempo*” (Heidegger, 2012a, p. 141). A problemática do elemento *a priori* do compreender é o problema da condição de possibilidade para o conhecimento se encontrar em uma perspectiva cedida por um horizonte, por uma claridade: uma clareira a partir de onde é possível o conhecimento. “Todo ver necessita de uma luz sem que essa luz seja de início vista” (Heidegger, 2012b, p. 413). É uma perspectiva segundo a qual o *Dasein* projeta no compreender aquilo a ser compreendido, que já entra em uma perspectiva, já chega ao compreender sob certa aquisição-prévia [*Vorhabe*] e perspectiva-prévia [*Vorsicht*], sob certa *luz*. A compreensão já se projeta para um copo, por exemplo, orientada por uma compreensão prévia do “porque”, do “para-que” e do “por-motivo-de” ela se projetou. Assim, a utensilidade não aparece por si, mas no *por-motivo-de* da projeção em vista de uma lida. Um horizonte iluminado (compreensivo) é uma perspectiva que fornece uma perspectiva-prévia: uma verdade. Não é nada teórico, ou subjetivo, mas é fornecido desde o *ser-no-mundo* e para este – a perspectiva-prévia é o característico próprio do *voeĩv*, do perceber. Ela é o fator constitutivo orientador da projeção, a qual, apesar de ser futura, é sempre já *em* uma orientação, enquanto o prévio para a compreensão do ente

– o que não configura ainda a compreensão do ente conceitualmente. Assim, a perspectiva tem que sempre já ser compreendida, isto é, a luz que orienta sobre a utilidade do copo sempre já está desvelada, mas isso não quer dizer que vejo a luz, o que doa esta perspectiva.

Também a condição de possibilidade do conhecimento de algo como *aí*, concreto enquanto concreto, é que se tenha já desvelada na compreensão a concretude, a *subsistência*. “Para podermos perceber uma mesa como mesa que ela é, é necessário já ter percebido antes que há algo como uma presença. Os fenômenos ontológicos são, pois, *hierarquicamente* os primeiros, mas, para serem pensados e vistos, são posteriores” (Heidegger, 2001, p. 36). Não é algo de reflexivo: a compreensão já tem de compreender o que seja a subsistência tacitamente para poder compreender algo enquanto subsistente. Isto quer dizer que a concretude se manifesta à compreensão no interior da luz da presença. Nessa luz da presença enquanto presente, subsistência, a compreensão pode compreender o concreto, o particular. “A condição de possibilidade fundamental para se compreender algo efetivamente real [concreto] enquanto efetivamente real é ver em meio ao sol de tal modo que os olhos do conhecer se tornem solares” (Heidegger, 2012b, p. 414).

A temporalidade seria este “os olhos do conhecer se tornarem solares”. Pois ela é unidade enquanto temporalidade co-originária de futuro, sido e presente: é a unidade da projeção, da retenção e do presentificar, é, portanto, a condição de possibilidade de toda presença (compreendida), pois compreensão só pode ser no interior de um *sido*. A deliberação para o *poder-ser* próprio, o (*der vorlaufender*) *Entschlossenheit*, constitui o caráter da temporalidade própria, finita, onde esses êxtases de futuro, presente e sido tem seu sentido próprio enquanto pré-cursar (futuro), enquanto reter (sido) e enquanto instante (presente): da possibilidade a mais própria e do instante enquanto compreensão da situação da projeção.

Enquanto a presentificação de algo se mantém de saída e na maioria das vezes junto às coisas, enreda-se em si mesma, deixando-se arrastar concomitantemente pelas coisas, a fim de imergir naquilo que é presente –

enquanto a presentificação desencaminha na maioria das vezes a si mesma, perdendo-se em si mesma, de tal modo que o ter sido se transforma em um esquecimento e o futuro em uma expectativa do que está agora mesmo chegando, o presente, que pertence à decisão [*Entschlossenheit*], é mantido no futuro específico (antecipação) e no ter sido (repetição) da decisão. O presente mantido na decisão e emergente dela é o que denominamos *instante* (Heidegger, 2012b, p. 417).

Heidegger ensina que o instante é um presentificar do presente (próprio) que abre o propósito pertencente à situação. O *Dasein*, neste modo da abertura, se projeta consciente do propósito concernente à situação. Por exemplo: quero beber água. Essa ciência de pegar o copo por conta da água *para* beber pertence ao presentificar do instante: originariamente eu não presentifico o copo “em si”, mas a situação e o propósito implicado na situação em vista de uma necessidade, em vista da lida. É o *para-que* (que corresponde ao tempo presente), o *por-motivo-de* e o *τέλος*, portanto, que estão presentificados originariamente na situação. Esta é, pelo que compreendi, a forma do presente enquanto instante, que configura a forma mais originária do presente. Quando a compreensão aborda (filosoficamente ou não) o copo pelo próprio copo, ou seja, por sua subsistência, ela faz o inverso e deriva o propósito da subsistência; aqui manifesta-se o problema da interdição do acesso à compreensão própria, pois teoriza-se sobre o ente e sobre o Ser a partir daí. Desta concepção, o fenômeno existencial é obliterado pela compreensão do ente como subsistente. É verdade que sem o ente o *Dasein* não poderia se projetar; todavia, originariamente, *o Dasein se projeta para o seu poder-ser, o que só se manifesta através do ente*, embora ele possa imediata e regularmente perder de vista o seu *poder-ser* (o Ser) nesta travessia.

Considerações finais

Podemos finalmente pensar como se manifesta originariamente o ente, o é: o Ser do ente intramundano é desde um Ser projetado temporalmente. “Ser enquanto presença é determinado pelo tempo” (Heidegger, 1996, p. 252). O *Ser-possível* originário, que é a determinação do *Dasein* pela ausência da subsistência, o constitui como um Ser projetivo, e enquanto tal, *em transporte contínuo*, temporal no sentido originário; *em transporte* significa movimento, enquanto *ser-em-movimento*. A temporalidade é a condição de possibilidade da compreensão para o ver cotidiano, mas o *Dasein* não se volta para a luz, pois, enquanto lida, enquanto tendo que empregar seu Ser e seu tempo em vista de seu imediato *poder-ser*, ele se volta apenas para as coisas a fazer que a luz do presente permite ver. Mas, fundamentalmente, *a luz é a temporalidade*, que permite encontrar o ente enquanto tal “sem” que ela mesma se dê a uma representação, a não ser estrutural e inexpressamente. “Devemos ultrapassar as estrelas, ir além de todas as coisas, em direção ao que já-não-é-coisa, aí onde não há mais coisas que deem um fundamento e um solo” (Heidegger, 1992, p. 20).

REFERÊNCIAS

- HEIDEGGER, M. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1996. (Col. Os Pensadores).
- HEIDEGGER, M. *Introdução à Metafísica*. Tradução de Mário Matos e Bernhard Sylla. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- HEIDEGGER, M. *Nietzsche*. Volume II. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- HEIDEGGER, M. *O Conceito de Tempo*. Tradução de Irene Borges Duarte. 2ª ed. Lisboa: Ed. Fim de Século, 2008.
- HEIDEGGER, M. *A Essência da Liberdade Humana: Introdução à Filosofia*. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Editora Viaverita, 2012a.
- HEIDEGGER, M. *Os Problemas Fundamentais da Fenomenologia*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012b.
- HEIDEGGER, M. *Que é uma Coisa? Doutrina de Kant dos Princípios Transcendentais*. Tradução de Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 1992.
- HEIDEGGER, M. *Sein und Zeit*. 17a Aufl. Tübingen. GA Band 2. Max Niemeyer Verlag GnbH e Co, 2006.
- HEIDEGGER, M. *Seminários de Zollikon*. Tradução de Gabriela Arnhold e Maria de Fátima Almeida Prado. Petrópolis: Vozes, 2001.
- HEIDEGGER, M. *Zollikoner Seminare, Protokolle- Gersprache- Briefe Herausgegeben von Medard Boss*. GA Band 89. Vittorio Klostermann GmbH, Frankfurt am Main, 1987.

Recebido em 19 de setembro de 2024

Aprovado em 26 de março de 2024

Publicado em 30 de agosto de 2024